

Em ambiente de risco, perícia é foco de atenção

Profissionais que realizam exames periciais, atividade essencial, têm ambiente de risco ampliado na crise do coronavírus



Cássio Thyone Almeida de Rosa
31 de março de 2020

Os profissionais responsáveis pela realização dos exames periciais estão inseridos dentre aqueles cuja atividade é considerada essencial. Os peritos exercem funções extremamente insalubres, com riscos biológicos associados e em contato com sangue e outras secreções humanas, além de cadáveres em putrefação, em ambientes sujos e contaminados.

Nesse cenário, a chegada da crise do coronavírus veio para potencializar ainda mais os riscos de uma contaminação, já que eles terão que prosseguir atuando nas ruas e em seus setores (laboratórios e seções especializadas em diversos tipos de perícias). Incluídos dentre as chamadas forças de segurança, peritos criminais, médicos legistas, papiloscopistas, auxiliares de diversos tipos, fotógrafos e servidores administrativos que compõem os serviços periciais vivem agora, junto com todos os demais servidores da Segurança Pública, dias de muita pressão.

Pensando nesse aspecto, muitas instituições têm procurado enfrentar esses riscos da melhor forma que podem. Iniciativas já esperadas surgiram, como estabelecer protocolos de proteção, incrementar o fornecimento de equipamentos de proteção individual (EPIs) e promover a orientação das equipes visando uma maior proteção e consequentemente uma redução dos riscos.

As estatísticas ainda são incipientes, mas resta claro que nas ruas, a criminalidade não recrudescer. Certamente os crimes de patrimônio e contra a vida seguem produzindo grande número de ocorrências. Um crime em específico provavelmente experimenta crescimento, o de violência doméstica. Muito possivelmente, as equipes que atendem acidentes de trânsito sejam as únicas que estejam experimentando uma redução no número de ocorrências nesse período.

Entretanto, a realidade nas ruas certamente não é a mesma em todas as unidades da federação, nem mesmo em nossas grandes cidades. E que o dizer do vasto interior deste país continental? Isso faz com que seja grande a apreensão em relação à segurança destes profissionais. A carência de equipamentos básicos sempre existiu em muitas cidades e nesse momento emergencial, tais equipamentos não iriam por certo surgir assim como que num piscar de olhos.

Mas esse é o momento de também enaltecermos as boas práticas, as boas ideias e iniciativas positivas. Campanhas que utilizam a capilaridade das redes sociais fazem chegar de maneira rápida informações até os profissionais. Em muitos estados, gestores têm se utilizado desse meio para disseminar informação e repassar protocolos. Sindicatos e associações que representam a categoria também se uniram nessas campanhas.

No Distrito Federal, diante da escassez de álcool em gel 70%, os peritos do laboratório do Instituto de Criminalística da PCDF, seguindo orientações de uma portaria da própria ANVISA, passaram a produzir álcool glicerinado, substância correlata ao álcool gel 70% e que pode substituí-lo no processo de assepsia das mãos. A produção deste item está prevista não apenas para suprir o Instituto de Criminalística, mas todas as unidades da Polícia Civil do Distrito Federal. Para a limpeza de objetos, para o interior de viaturas e para superfícies não críticas, o laboratório está produzindo álcool 70 °GL, a partir de álcool 92 °GL. Esforços para otimizar os deslocamentos das equipes que atendem locais de crime foram implantados como mais uma boa iniciativa.

Outro fator que merece ser destacado é a possibilidade de trabalho remoto ou teletrabalho para servidores cujas atividades possam ser exercidas dessa forma, o que tem sido estimulado na maioria dos estados. Dentro das unidades periciais há muitos servidores que também trabalham com atividades burocráticas e, nestes casos, os gestores podem e devem mostrar-se sensíveis a facilitação do trabalho à distância, reduzindo o número de pessoas circulantes em suas unidades, colaborando assim para a redução dos riscos de contágio. Para aqueles cuja presença é essencial na unidade, alguns gestores estão recorrendo a turnos alternados, agregando também uma forma de facilitar uma menor circulação interna de pessoas.

Uma outra preocupação que deve existir quanto ao desempenho das atividades destes profissionais, assim como trabalhadores de todas as demais forças policiais, diz respeito à saúde psíquica. Sob pressão e tensão crescentes atingindo os profissionais, as organizações precisam estar atentas quando a este aspecto. É notório que tais trabalhadores, pela natureza das atividades desempenhadas, correm riscos acentuados quanto ao nível de estresse. Muitos transtornos psicológicos envolvendo ansiedade e estresse certamente estão em fase de latência. Diversos sintomas poderão ser sentidos durante um bom tempo decorrido após o pico da atual crise. Algumas instituições contam com psicólogos em seus quadros e neste momento poderiam ajudar com sugestões sobre ações a serem desenvolvidas ou mesmo com intervenções. Este é um aspecto difícil de ser mensurado nesse momento, mas aqueles que estão envolvidos no gerenciamento de pessoas da área devem já estar alertas para os sinais e para as alternativas que possam trazer alívio dos sintomas deletérios causados na saúde mental destes profissionais.

Cássio Thyone Almeida de Rosa

Possui graduação em Geologia pela UNB e especialização em Geologia Econômica. Perito Criminal Aposentado (PCDF). Professor da Academia de Polícia Civil do Distrito Federal, da Academia Nacional de Polícia da Polícia Federal e do Centro de Formação de Praças da Polícia Militar do Distrito Federal. Ex-Presidente e atual membro do Conselho de Administração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

<https://backup.forumseguranca.org.br/pericia-em-evidencia/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-eazzd-foepd>

